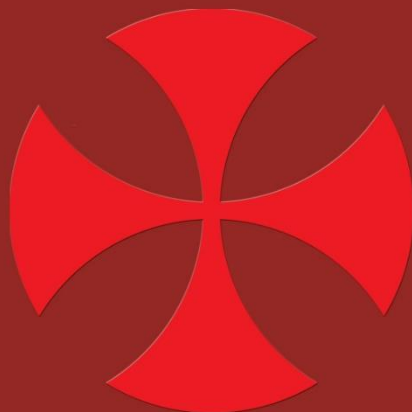


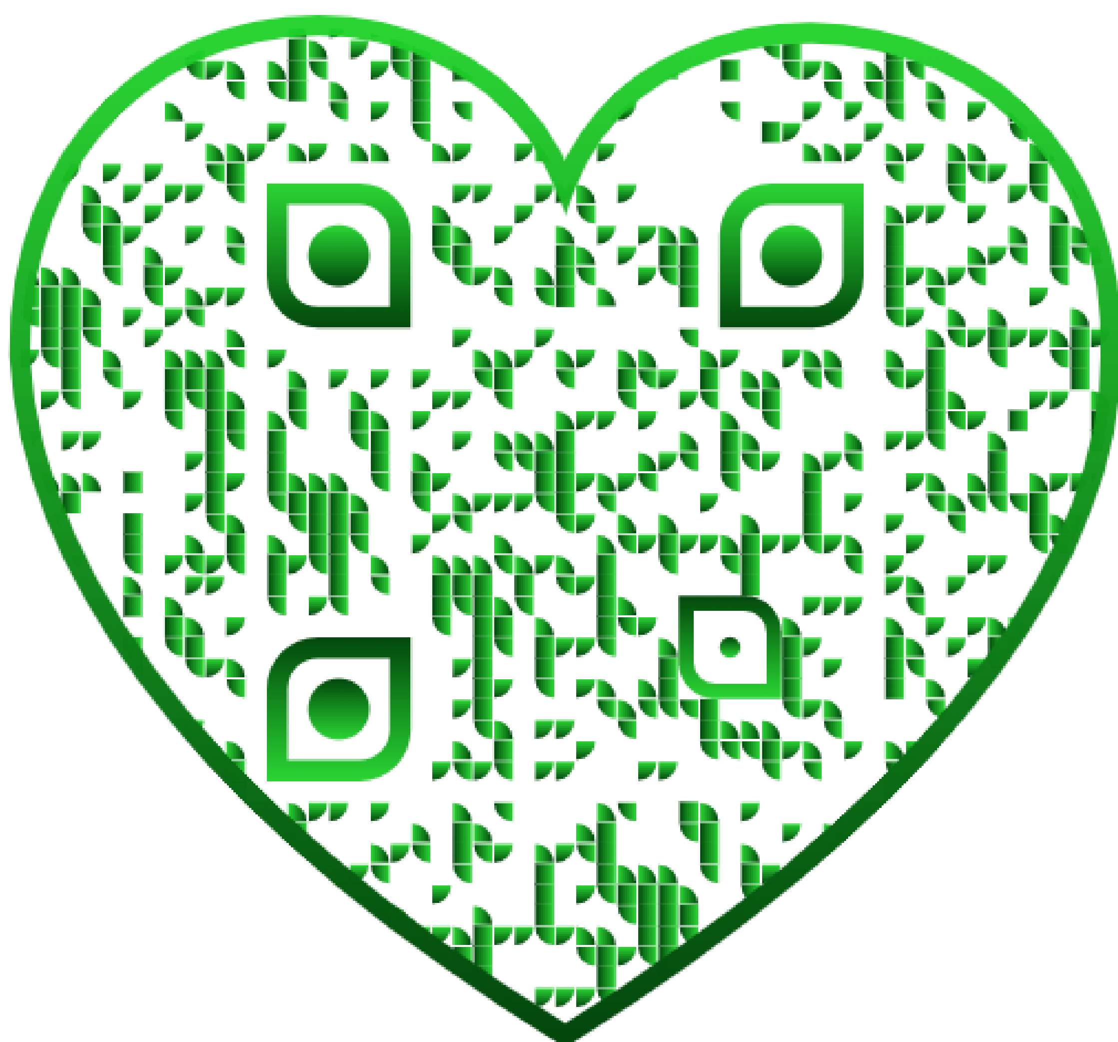
Sociedade das Ciências Antigas



O Que Ocorre a Nossos Mortos



Papus





Sociedade das Ciências Antigas

O QUE OCORRE A NOSSOS MORTOS

POR

PAPUS



TRADUZIDO DO ORIGINAL FRANCÊS

CE QUE DEVIENNENT NOS MORTS
LA SIRÈNE
PARIS - 1918

SUMÁRIO

UMA PALAVRA AO LEITOR **3**
INTRODUÇÃO **4**
O problema da vida após a morte 4
A fortaleza familiar 4
I - SEÇÃO DA ÁGUIA **5**
A Intuição feminina 5
O Ideal 6
II - SEÇÃO DO HOMEM **7**
Constituição dos seres humanos 7
A morte e a evolução dos três princípios 8
O cérebro humano e sua evolução 9
Os céticos se tornam crentes 10
III - SEÇÃO DO LEÃO **13**
Os três planos. As forças nos três planos 13
As forças nos três planos 16
As comunicações entre os vários planos 17
A experimentação. União do visível e o invisíveis - erros e armadilhas 18
A Fé ativa e a Oração 19
IV - SEÇÃO DO TOURO **20**
O que é morte para o filósofo? 20
Os mortos são viajantes momentaneamente ausentes 21
A morte pela pátria 22
EPÍLOGO **22**
Visão da luz: A morte do herói 22
O JOVEM SOLDADO **23**

UMA PALAVRA AO LEITOR

Meu velho amigo e editor Henri Dangles teve a excelente ideia de publicar uma nova edição - a terceira - de um dos opúsculos póstumos de nosso grande e saudoso PAPUS (Dr. Gerard Encausse). Estas últimas e luminosas páginas foram a última obra de Papus. Foi redigida alguns meses antes de seu falecimento, e publicada a título póstumo em 1918.

Mobilizado como médico chefe de uma equipe cirúrgica de campanha, em 1914, meu querido pai se devota plenamente ao serviço dos feridos durante os meses que passou na fronte. Foi também durante este período de sua existência terrena que ele escreveu estas páginas seguintes, tão emotivas quanto reconfortantes, ao mesmo tempo. Como se sabe, ele foi vítima de sua dedicação e, gravemente doente, teve de regressar por fim a Paris, onde, em 25 de Outubro de 1916, viria a falecer apenas aos cinquenta e um anos.

Enxuguemos nossas lágrimas, ouçamos esta grande voz do além-túmulo e de todo coração, agradeçamos àquele que, pelo bem de muitos seres humanos, foi e continua sendo um guia, um amigo, um Consolador, um Mestre em toda a pura e bela acepção do termo.

Dr. Philippe Encausse
(25 de outubro de 1962)

INTRODUÇÃO

O problema da vida após a morte

Nas doçuras da Paz, quando a existência corre tranquila e sem angústia, o fenômeno da morte é um acidente sobre o qual se reflete o menos possível.

Mas quando um cataclismo social como a guerra vem bruscamente arrancar não só a flor da humanidade nas forças armadas, mas também as pobres mulheres e crianças inocentes, surpreendidos pela invasão ou pelos bombardeios, ou bruscamente engolidos por atos de pirataria inconcebíveis para um cérebro normal, então a morte se torna um problema cativante e que merece um estudo sério e aprofundado.

No entanto, as pesquisas sobre esse fenômeno tão importante para a humanidade foram abandonadas a grupos que operam geralmente com ideias preconcebidas.

Para os materialistas, a morte é um desaparecimento total do indivíduo seguido por uma transformação física e química dos elementos.

Para os religiosos, a morte é a ascensão até este paraíso enunciado por todos os crentes.

Entre estas duas escolas extremas, constitui-se pouco a pouco e com muita dificuldade uma escola experimental, que se esforça para examinar o problema da vida após a morte como todos os problemas comuns de biologia ou psicologia transcendental.

O autor gostaria de, neste opúsculo, fazer todos os esforços para expor tão imparcialmente quanto possível os vários aspectos desta questão segundo a totalidade das escolas. Mas o autor não esconde que, pessoalmente, está convicto da sobrevivência dos seres humanos para além da morte e da possibilidade de, em determinados casos, estabelecer uma relação entre o plano em que vive o “morto da terra”, e entre este outro no qual choram e sofrem os habitantes da mencionada Terra.

Feita esta declaração, com o fim de não permitir que se considere este trabalho como a compilação de um cético, o autor fará todos os esforços que sejam possíveis para não ofender nenhuma opinião, e apresentar os melhores argumentos possíveis, que considera o mais claro e os mais cientificamente estabelecidos.

A Fortaleza Familiar

Pobres seres, agora desesperados, construístes vosso ninho social pacientemente! Graças a vossas privações, o filho teve assegurada a tranquilidade de sua vida material, sua filha, educada nos bons princípios, possuía um sério dote que ela administraria com inteligência...

Vossa pequena fortaleza social e familiar estava egoisticamente protegida contra todos os riscos. Valores em quantidade, seguros, imóveis de bons investimentos, tudo contribuía a afastar de vós estas horas de angústia em que se debatem os artistas imprevidentes, os pequenos empregados e os necessitados de toda espécie.

Mas bruscamente o golpe da tempestade irrompeu: a guerra! Seu filho, que acabava de receber seu diploma de arquiteto, partiu valentemente como um suboficial. É um Francês. Seu genro, casado apenas há seis meses, desapareceu como um soldado de infantaria...

A Fortaleza familiar desapareceu, e as horas de angústia começaram. Foi então que as mulheres, mãe e filhas, se revelaram em todo o desamparo de seus corações. Elas ajudaram outras mulheres

mais infelizes materialmente que elas, mas não moralmente, porque a angústia abraçou de forma semelhante a todos aqueles que têm um de seus... lá fora.

E os dias se sucediam, cortados por raras notícias dos combatentes...

Então, as cartas do filho pararam abruptamente. Vossos caros envios haviam retornado com a menção: “Este pacote não pode chegar ao destinatário”. Depois, uma breve nota oficial: “O Sargento X ... foi dado como ‘desaparecido’, em tal data, ... em tal lugar..”..

O Calvário então começa: busca de companheiros que possam fornecer um insignificante detalhe qualquer, sabeis se foi visto cair, ferido, à frente de seu pelotão... o silêncio como resposta a todas as investigações... as mais loucas hipóteses obcecam dia e noite vossa imaginação.

Por último, tudo vai terminar, uma notícia oficial da morte de vosso genro, justamente ao dia seguinte da data em que sua mulher anunciaria um próximo nascimento, e os três juntos se poriam face a face com duas terríveis potências: o Destino, implacável e desconhecido, e a *Morte*...

O que aconteceu com todos os pequenos cálculos humanos, todos as pequenas combinações tranquilas da vida quotidiana, diante do aparecimento autoritário destas forças sobre as quais nunca se cogitou?

O indivíduo desapareceu diante da coletividade. A família desapareceu diante do social, e cada átomo humano se desorbitou para se tornar uma célula de defesa da Pátria em perigo...

Por que este destino implacável?

O que acontece com nossos mortos?

Isto é o que agora iremos perguntar àqueles que estas questões apaixonavam já antes da guerra.

Cada divisão do nosso estudo corresponderá a uma das partes da antiga Esfinge: Águia, Homem, Leão e Touro.

I - SEÇÃO DA ÁGUIA

A Intuição Feminina

O cérebro argumentativo e cético do homem necessita de argumentos secos, precisos e apoiados sobre fatos.

Mas para vós, mães, esposas, irmãs que choram um caro desaparecido, esta discussão é inútil.

Vossa intuição é suficiente.

Guardiãs das forças mais sutis da Natureza, algo reside em vós, que fala mais claramente e mais alto que todos os complicados racionamentos dos homens.

Vós sentis e sabeis que os *mortos queridos* estão ao vosso redor. Aparecem em um sonho que se renova, com frequência demasiado escassamente, para abraçar a mãe ou a esposa amada... a pequena criança, cujas forças terrestres todavia não a cobriram totalmente, vive “entre os dois planos” e percebe em estado de vigília o “papai soldado”, pelo qual a mãe chora sem consolo.

Alucinações, distúrbios do sistema nervoso, loucuras, dizem os cientistas... Mas a mulher, bem

presente que estas são realidades mais elevadas do que as realidades terrestres.

O cão doente, abandonado no campo, encontra a erva precisa para a sua cura, e entretanto, o pobre animal não perdeu tempo estudando em nenhuma escola. Mas uma força flui nele, mais infalível do que a ciência de muitos seres humanos. E esta força é a inteligência da Natureza que o profano chama: Instinto.

No entanto, sois as guardiãs sagradas dessa inteligência formativa da Natureza, ó mulheres, em todas as classes sociais...

Então escutai no fundo de vosso coração o sopro desta voz misteriosa, que é perceptível apenas para vós...

Lembrai como a mesma voz outrora encantou vosso jovem coração, quando o noivo vos cortejava durante os longos e inesquecíveis passeios.

Então, quando a pequena criança nascera, mesmo antes que ele pudesse falar, a voz doce e misteriosa ainda muitas vezes se fez ouvir...

E agora, nas profundezas da dor, a voz chora ainda: *Não, mãe, seu filho não desapareceu para sempre... O criador é o Pai divino e um pai nunca é um algoz.*

Ele caiu *por todos os outros* e, portanto, tornou-se uma das luzes dos céus invisíveis... Uma cortina separa-o de ti e teu amor irá erguer a cortina... Coragem, mulher esmagada pela dor, espera, ora e mantém para si apenas as palavras da voz...

Que teu coração se feche aos profanos e aos profanadores, despede-te dos sábios e céticos para que mergulhem em seus estudos... e tu, chamas com todo teu amor o ser desaparecido, roga aos que estão no alto que te iluminem, e a doce Virgem de Luz estenderá sobre ti seu véu púrpura celeste e de ouro astral... e detrás deste véu teus queridos mortos te sorrirão e abençoarão!

O Ideal

Mulheres da Terra, gloriosas ou crucificadas, sede abençoadas, pois o mereceis!

É a vós que clamo antes de tudo, ó mulheres que perderam um ente querido: filho, marido ou parente próximo, a vós cuja intuição não foi desvirtuada pela ciência incompleta do século, a quem me dirijo. Não sois vós que sabeis bem que o ser amado não se foi para sempre? Não sois vós que sentis a verdade das afirmações de todas as religiões da terra, e especialmente a vossa, quando elas dizem que a morte é apenas uma transformação momentânea?

Tendes a certeza, no fundo do vosso ser, que revereis novamente o desaparecido, com muito mais segurança ao saber que ele voluntariamente se sacrificou pela sua pátria.

E esta intuição misteriosa é a manifestação da própria verdade, o falecido mudou de estado, mas continua sendo o mesmo, muito melhor agora por ter sido revalorizado por seu sacrifício. Está em todo momento ligado aos seres que deixaram sobre a Terra, pelos laços do amor que é imperecedouro, um simples véu é o que os separa e este véu pode em muitas ocasiões a de se levantar.

Que vosso coração se acalme, de modo que a dolorosa angústia abandone vosso ser, e sede confiantes e fortes, mulheres que a Natureza tem eleito para conservar suas formas mais valiosas e seus *germens* mais secretos.

Enxugai vossas lágrimas, pois aquele por quem chorais não está longe. É como um viajante percorrendo uma nova terra e ainda não é capaz de se comunicar facilmente com aqueles que permaneceram... lá embaixo.

Buscai no silêncio do Espírito perceber a extensão de seu amor. Senti bem como ele cerca com sua presença suas crianças e todos aqueles que ele deixou. Pedi ardentemente aos Seres mais elevados do que nós que o ajudem. Orai segundo o ritual de vossa religião e então, talvez, seja concedido perceber aqui embaixo o desaparecido, porque a Morte não produz nenhum terror para quem conhece os Mistérios, e não é mais que uma simples mudança na qual a Terra retoma o corpo que havia emprestado ao espírito para uma existência, e onde este espírito, liberto e revestido de um novo corpo mais sutil, evolui para um novo plano.

Orai, portanto, e o véu se erguerá por vós.

Iremos agora tentar explicar todos estes termos: *Espírito*, *corpo sutil*, *plano*, e mais tarde voltaremos a esta explicação para os cérebros dos homens argumentadores e céticos. Que estes considerem estas páginas como um doce devaneio no momento, porque não foram escritas para eles...

II - SEÇÃO DO HOMEM

Constituição dos Seres Humanos

Seria impossível entender algo sobre o que exporemos das transformações dos seres humanos após a morte, se não descrevermos a partir de agora a sua constituição durante a vida. Claro, não vamos nos entreter em qualquer detalhe sobre a demonstração de nossas declarações, desde que grandes volumes foram dedicados por uma série de escolas a esta questão.

Para sermos claros, que é nosso principal objetivo, recordaremos que o ser humano foi considerado, pelos antigos iniciados, como reunindo durante sua vida na terra três princípios ou elementos de constituição:

1. O corpo físico, cedido pela Terra para uma existência, e ligado a esta mesma terra pelos alimentos, mediante os quais eles proveem o crescimento e a manutenção deste corpo físico.

2. A Vida, que é como uma centelha que enlaça os dois polos da constituição do homem: o corpo abaixo e o espírito acima. A Vida está unida pela respiração à atmosfera da terra, e a atmosfera da terra está ligada à luz do sol que a dinamiza. A Respiração, portanto, une o homem às forças emanadas dos Astros, das quais o sol é o centro de direção.

   Também a Vida recebeu uma série de nomes que bem desconcertam o pobre iniciante destes estudos. São Paulo chama-lhe a alma (*Corpus, Anima et Spriritus*), as escolas de espíritas chamá-lo períspirito; os ocultistas de Corpo Astral... e nós fazemos na final não deveria citar o egípcio, chinês, Hebraico, sânscrito, nomes dados a este princípio de vida que era de interesse para todos os investigadores.

3. O espírito imortal, unido através da intuição, da sensibilidade e da vontade às forças plano invisível.

Durante a vida terrestre, estes três princípios estão intimamente unidos uns com os outros. O espírito é liberado durante o sono e deixa a vida purificar o corpo e fazer operar os órgãos que dependem diretamente de vida orgânica.

Resumamos: existem três princípios que constituem o homem encarnado: o corpo físico, a vida, e o Espírito.

O corpo físico está ligado à terra, a vida se liga com os Astros, com a Vida universal, o espírito se une às forças superiores e ao plano divino.

Iremos deixar de lado todas as análises desses princípios constitutivos de sete, nove ou vinte e um elementos. Isso não alterará em nada a questão e não faz mais que confundir as coisas muito claras.

O que acontece com nossos três princípios no momento da morte?

Extingue-se a centelha vital e vida, ou melhor, a força vital, agrupa-se em dois polos:

a) Uma parte, a mais luminosa, permanece em torno do Espírito e forma o corpo astral, a carruagem da alma (Pitágoras), o corpo sutil que envolve o espírito no plano dos Astros;
b) Uma outra parte, a mais obscura, permanece no corpo físico, tornando-se cadáver.

O cadáver retorna à terra, como um terno desgastado retorna ao trapeiro. Os insetos e vermes podem destruir a veste, como a terra pode retomar sua propriedade, a seu critério, mas este corpo não está unido senão por uma sutil ligação ao Espírito que o habitava.

Não é ao cadáver que se deve prestar um culto, mas a tudo quanto o ser desaparecido deixou de amor e pensamentos sobre a Terra.

Finalmente, o espírito mantém sua personalidade total. O choque de passagem de um plano a outro obscurece bastante suas faculdades por um momento, mas se encontra cercado por todos os seus, que partiram antes dele, se ele morreu para a coletividade, é ainda mais assistido pelos seres espirituais que o liberam de todo sofrimento possível e se é necessário chorar por alguém, certamente seria pelos pobres cegos da terra e não por este espírito liberto pelo sacrifício e iluminado pela oferta de sua vida terrena para salvar a coletividade de sua pátria.

Tal é o ensinamento dos Santuários, há mais de sete mil anos. Dessa existência pessoal após a vida terrena, todos os iniciados estavam seguros, porque eles *a tinham vivido* experimentalmente. A Iniciação nos mistérios de Isis não tinha outra finalidade em sua parte elementar, e a Iniciação, em todos os mistérios e em todos os países, tinha objetivo idêntico.

Em sânscrito é chamado de *"Dwidja"* ou "vivente sobre os dois planos" aquele que conhece praticamente estas verdades.

É, portanto, como resultado de um retrocesso nos estudos verdadeiramente científicos ou de uma deformação destes estudos que certos cérebros poderiam acreditar de boa-fé que tudo se tornava homem, couve, cenouras ou flores silvestres após a morte.

A Natureza é a mais meticulosa das avaras e ela não teria passado séculos fazendo evoluir um cérebro humano, para aniquilar em um minuto o esforço lento e gradual de tantos anos.

O espírito humano sobrevive à morte física e tudo nos induz a verificar esta afirmação.

A Morte e a Evolução dos três Princípios

Não estivemos todos na China e no entanto não duvidamos da existência efetiva desse país, porque temos confiança nos viajantes que dali retornam e nos falam, como também em outra série de

provas que nos dão a certeza da existência da China.

Por outro lado, quando se trata dos outros planos de existência, a nossa certeza é muito reduzida. Os céticos dizem: ninguém nunca voltou para contar o que acontece no além... E os céticos estão errados, porque alguns pálidos viajantes voltaram para nos contar... E então tudo que se relaciona a este plano de uma nova existência, em um outro corpo que o físico, aterroriza os cérebros mal preparados para uma concepção tranquila das realidades, sejam elas quais forem e disso se diz: quando eu estiver lá, verei bem.

Pelo contrário, aqueles que ainda estão no plano físico, aqueles que permanecem neste lado enquanto que os seres queridos partem, desejariam saber... gostariam de ter detalhes minuciosos, e é para estes que escrevemos estas páginas.

Digamos inicialmente que, para um sábio iniciado nos antigos mistérios do Egito, as fases da morte lhe eram tão conhecidas como são aquelas do nascimento para um médico, porque a iniciação consistia justamente em dar-se conta, na pratica, destas fases; para um cérebro contemporâneo, as cosas têm um sentido completamente diferente.

As ciências chamadas psíquicas estão em fase de constituição, desde o ponto de vista do corpo científico chamado *“sério”*. Alguns estudiosos das academias dedicados a estas pesquisas admitem que há “algo”, mas sem chegar à afirmação dos espíritas ou dos ocultistas.

Intentemos, portanto, a partir de agora indicar plenamente o caráter de nosso trabalho e dizer que algumas de nossas afirmações derivam de nossas experiências e nossos estudos pessoais, apesar de que temos certeza que tudo isso será “científico” em 20 anos, como era científico no ano 2600 A.C.

O fenômeno da morte parece-nos, sob um ponto de vista puramente fisiológico, caracterizado pelos seguintes fatos:

1º. Ruptura do equilíbrio de forças que produzia a centelha vital

2º. Divisão dos seres humanos em duas seções:
a) o cadáver;
b) outro corpo mais sutil do que o corpo do cadáver e que se separa deste último;

3º. Possível manifestação e evolução das faculdades intelectuais que permaneceram neste segundo corpo fluídico, após o choque forçado, causado a essas faculdades pelo fenômeno da morte...

O Cérebro Humano e sua Evolução

O cérebro humano é um órgão que evolui como todos os outros órgãos. Ele digere as ideias e personaliza os pensamentos, como o estômago digere o alimento e prepara-o a formar a substância humana personalizada.

Há cérebros de todas as idades entre homens de diferentes faixas etárias: um homem de sessenta anos de idade que nunca usou suas faculdades intelectuais pode ter um cérebro de dez anos, enquanto um artista de 20 anos que já sofreu e que criou sua personalidade através das provações pode ter um cérebro de cinquenta anos. Há cérebros que irradiam e outros que absorvem.

Finalmente, existem múltiplos estágios no desenvolvimento das funções do cérebro:

Primeiro de tudo, o ser humano não se diferencia da massa: ele crê no que lhe é dito para crer, não

sendo capaz de amadurecer, por uma nova digestão, as ideias que lhe servem para o "consumo". Se a educação que recebeu for religiosa, ele acredita em ideias religiosas; Se, em vez disso, a educação primitiva foi irreligiosa, e tem sua fonte nos jornais de tendências demagógicas ou nos folhetins ditos populares, então este ser não crê em nada fora da vida material e em sua melhoria pela "luta de classes". Nós não criticamos nada nem ninguém, nós constatamos.

No segundo estágio do desenvolvimento do cérebro começa a criação da personalidade intelectual.

O indivíduo primeiramente nega tudo o que ele aprendeu na primeira fase. Se ele foi criado em uma comunidade crente, torna-se bastante descrente, e realmente é capaz de evoluir até se tornar completamente materialista ou ateu.

É no âmago desta escuridão cerebral, desta negação de toda conquista anterior, que mais tarde sairá a rubra crença racional e pessoal. Mas antes é preciso que o cérebro se organize e passe pelas fases de: dúvida, negação, materialismo, depois positivismo, criação de um sistema pessoal e finalmente: crença racional e fundamentada em fatos e em pensamentos individuais.

O materialista sente perfeitamente que seu cérebro é mais evoluído do que o crente do princípio, mas o materialista supõe-se que é também mais evoluído do que o crente pela criação pessoal, e este é o seu erro.

Para estar ciente da existência destes diferentes estágios da evolução cerebral, basta ler com cuidado a vida de Auguste Comte, o criador do positivismo, que se tornou místico no fim de seus dias, por evolução normal do cérebro, e isto para a grande indignação dos seus seguidores, que permanecendo fieis a seu antigo caminho, tomavam-no por louco.

Os Céticos se tornam Crentes

Há toda uma biblioteca de volumes consagrados ao problema que somente esquematizamos aqui.

Em um excelente opúsculo, *o além e a sobrevivência do ser*, o autor, Léon Denis[*], bem conhecido por todos os psiquistas, escreve a propósito dos céticos que se tornam crentes, algumas linhas que citamos com grande prazer, remetendo o leitor à obra completa:

> "Não é isto bastante singular? Nunca talvez se vira um conjunto de fatos, considerados a princípio como impossíveis, que não despertavam, no pensamento da maioria dos homens, senão antipatia, desconfiança, desdém; que eram alvo da hostilidade de muitas instituições seculares, acabar por se impor à atenção e mesmo à convicção de eminentes cientistas, de sábios competentes, cheios de autoridade por suas funções e seus caracteres!
>
> Esses homens, anteriormente céticos, chegaram, por via de estudos, de pesquisas, de experiências, a reconhecer e a afirmar a realidade da maior parte dos fenômenos espíritas.
>
> Sir William Crookes, o mais notável físico dos tempos modernos, depois de ter observado, durante três anos, as materializações do Espírito de Katie King e de as haver fotografado, declarou:
>
> Não digo: isto é possível; digo: isto é real.
>
> Pretendeu-se que W. Crookes se retratara. Ora, à semelhante insinuação ele próprio respondeu no discurso que proferiu por ocasião da abertura do Congresso de Bristol, como

---

[*] Leon Denis - *L'Au-delà et la Survivance de l'Être* - Nouvelles preuves expérimentales - Paris (1905)

presidente da *Associação britânica para o adiantamento das ciências*. Falando dos fenômenos que descrevera, acrescentou: Nada vejo de que me deva retratar; mantenho minhas declarações já publicadas. Poderia mesmo aditar-lhes muita coisa.

Russel Wallace, da Academia Real de Londres, na obra intitulada: *O Milagre e o moderno espiritualismo*, escreve:

Eu era um materialista tão completo e experimentado que não podia, nesse tempo, achar lugar no meu pensamento para a concepção de uma existência espiritual.... Os fatos, entretanto, são obstinados: os fatos me convenceram.

O professor Hyslop, da Universidade de Colúmbia, Nova Iorque, em seu relatório sobre a mediunidade de Mrs. Piper, médium de transe, disse:

A julgar pelo que eu próprio vi, não sei como poderia furtar-me à conclusão de que a existência de uma vida fora da materia está absolutamente demonstrada.

F. Myers, professor em Cambridge, na bela obra: *A Personalidade humana*, chega à conclusão de que vozes e mensagens nos vêm de além-túmulo.

Falando de Mrs. Thompson, acrescenta: Creio que a maioria dessas mensagens parte de Espíritos que se servem temporariamente do organismo dos médiuns, para nos transmiti-las.

Richard Hodgson, presidente da *Sociedade Americana de Pesquisas Psíquicas*, escrevia nos *Proceedings of Society Psychical Research*: Acredito, sem a menor sombra de dúvida, que os Espíritos que se comunicam são de fato as personalidades que dizem ser; que sobreviveram à mutação conhecida pelo nome de morte e que se comunicaram diretamente conosco, pretensos vivas, por intermédio do organismo de Mrs. Piper adormecida.

O mesmo Richard Hodgson, falecido em Dezembro de 1906, se comunicou depois com seu amigo James Hyslop, entrando em minúcias acerca das experiências e dos trabalhos da Sociedade de Pesquisas Psíquicas. Explica como, para ficar absolutamente provada a sua identidade, deviam as experiências ser conduzidas.[*]

Essas comunicações foram feitas por diferentes médiuns que não se conheciam e umas confirmam as outras. Notam-se as palavras e as frases familiares, em vida, aos que se comunicam depois de mortos.

Sir Oliver Lodge, reitor da Universidade de Birmingham e membro da Academia Real, escreveu em *The Hilbert Journal* o seguinte (reproduzido pelo *Light* de 8 de Julho de 1911):

Falando por conta própria e com pleno sentimento de minha responsabilidade, dou testemunho de que, como resultado das investigações que fiz no terreno do psiquismo, adquiri por fim, mas de modo inteiramente gradual, a convicção em que me mantenho após vinte anos de estudo, não só de que a continuação da existência individual é um fato, como também de que uma comunicação pode ocasionalmente, embora com dificuldade e em condições especiais, chegar-nos através do espaço.

E na conclusão do seu recente livro *A Sobrevivência Humana*[†] acrescentou:

[*] Ver os Proceedings S. P. R.

[†] A Sobrevivência Humana, por Sir Oliver Lodge, traduzida do Inglês pelo Dr. Bourbon. Paris, 1912. Felix Alcan, editor.

> Não vimos anunciar uma verdade extraordinária; nenhum novo meio de comunicação trazemos, mas apenas uma coleção de provas de identidade cuidadosamente colhidas, por métodos desenvolvidos, ainda que antigos, mais exatos e mais vizinhos da perfeição talvez do que os empregados até hoje. Digo provas cuidadosamente colhidas, pois que os estratagemas empregados para a sua obtenção foram postos em prática de um e de outro lado da barreira que separa o mundo visível do invisível; houve distintamente cooperação dos que vivem na matéria e dos que já se libertaram dela.
>
> O professor W. Barrett, da Universidade de Dublin, declara (*Anais das Ciências Psíquicas*, Novembro e Dezembro de 1911)
>
> Sem dúvida, por nossa parte, acreditamos haver alguma inteligência ativa operando por detrás do automatismo (escrita mecânica, transe e incorporação) e fora deste, uma inteligência que mais provavelmente é a pessoa morta que a mesma inteligência afirma ser do que qualquer outra coisa que possamos imaginar... Dificilmente se encontrará solução para o problema dessas mensagens e das *correspondências cruzadas*, sem imaginar uma tentativa de cooperação inteligente entre certos Espíritos desencarnados e os nossos.
>
> O célebre Lombroso, professor da Universidade de Turim, escrevia na *Lettura*:
>
> Sinto-me forçado a externar a convicção de que os fenômenos espíritas são de uma importância enorme e que é dever da Ciência dirigir sem mais demora sua atenção para essas manifestações.
>
> Mr. Boutroux, membro do Instituto e professor da Faculdade de Letras de Paris, se exprime assim no *Matin* de 14 de Março de 1908:
>
> Um estudo amplo, completo do *psiquismo* não comporta unicamente um interesse de curiosidade, mesmo científica; interessa também muito diretamente à vida e ao destino do indivíduo e da Humanidade.
>
> O sábio Duclaux, diretor do Instituto Pasteur, em uma conferência que fez no Instituto Geral Psicológico, há alguns anos, dizia: Não sei se sois como eu, mas este mundo povoado de influências que experimentamos sem as conhecermos, penetrado desse *quid divinum* que adivinhamos sem lhe apreendermos as minúcias, ah! esse mundo do psiquismo é mais interessante do que este outro em que até agora encarcerou o nosso pensamento. Tratemos de abri-lo às nossas pesquisas. Há nele, por se fazerem, imensas descobertas que aproveitarão à Humanidade".

A totalidade dessas citações se referem a positivistas dispostos a passar do sistema pessoal, que se fizeram por si mesmos, a toda uma série de crenças racionais que os levarão pouco a pouco a este estado do cérebro que escolas orientais comparam com uma água tranquila, em que se pode refletir e atingir, inclusive em estado de vigília, a consciência de todos os ensinamentos recebidos pelo espírito humano nos planos invisíveis da Natureza.

Esta evolução das crenças pode, todavia raramente, realizar-se inteiramente em uma única vida humana, como no caso de Auguste Comte. ou, mais frequentemente, exigir várias existências.

Em um primeiro estágio, quando o homem se contenta em admitir, sem discutir, as ideias apresentadas, pode-se colocar todos os seres capazes de crenças cegas e ligeiramente supersticiosas, como, por exemplo, a crença em Santo Antônio de Pádua para encontrar um objeto perdido, obter um emprego, e todos aqueles, finalmente, que seguem mecanicamente, segundo um impulso

primitivo, os preceitos de uma religião qualquer.

No segundo, o cérebro começa a querer conhecer os limites do seu domínio, penetra nos territórios da dúvida e da negação. Pode-se dispor aqui todas essas grandes inteligências que ainda não encontraram sua senda e que, desde Galileu a Tolstoi, tem assombrado o mundo pela luta constante de seu gênio com a terrível, imutável e única verdade.

Como protótipo do cérebro que penetrou no frio equilíbrio do terceiro estágio, do puro materialismo, que muitas vezes é fatalista, indicamos o médico positivista e ateu, que nunca encontrou a alma sob seu bisturi, e que está muito próximo do mecânico que não encontra o telegrafista ao desmontar um aparato ou do violinista rompendo o violino. O médico materialista friamente nega tudo aquilo que não se enquadra dentro da sua lógica mental. Mesmo que seu coração viesse de repente registrar uma vívida e maravilhosa verdade, seu cérebro se fecharia e não permitiria passar até sua consciência esta exótica verdade. Os fatos que não entram em sua própria maneira de ver são pura e simplesmente rejeitados sem exame.

Então, sob a influência de uma dor, possivelmente, se manifestam as “novas sensações”; o positivista não recua diante dos fatos mais contrários ao seu modo de ver, mas ele os estuda imparcialmente: citemos aqui os nomes de Lodge, Myers, Russell Wallace, Lombroso. Charles Richet, etc....

Eis aqui a quinta etapa, na qual classificaremos todos os cérebros que conseguiram, pelo estudo dos fatos, a criar um sistema pessoal, mais ou menos pertinente ao ensino da tradição. Pouco a pouco eles serão levados, não à crença cega, mas à crença experimental e racional.

É então, em todos os seus graus, o conhecimento direto através do coração de grandes verdades espirituais, mas ao mesmo tempo a recepção no cérebro destas verdades grandiosas. É o equilíbrio perfeito entre as faculdades masculinas e femininas do ser humano. A maravilhosa luz da Fé ilumina então as células cerebrais, que, por sua vez, adaptaram à vida física, em ocasiões recobrindo-os um véu necessário, os conhecimentos espirituais recebido por elas.

Então, finalmente, o organismo físico do homem constitui por seu princípio orientador: a alma, um instrumento perfeito. A evolução cerebral é terminada para a terra.

III - SEÇÃO DO LEÃO

Os três Planos. As Forças nos três Planos

Quando lemos pela primeira vez as obras de escritores que são dedicados ao estudo das forças invisíveis, deparamo-nos com uma série de termos técnicos. Prosseguindo em suas leituras e controlando um autor pelo outro, chega-se rapidamente a compreender este jargão especial e se reconhece muito bem em termos de: períspirito, forças metapsíquicas, corpo astral, plano astral, plano mental, força kama manásica, espíritos superiores, etc., etc....

Há, todavia, alguns termos sobre os quais acreditamos ser nosso dever insistir agora, especialmente, entre outros, o de *planos*.

Coloquemos em um copo para experiências:

1º Mercúrio;
2º Água;
3º Óleo.

Estas três substâncias não se misturam. Elas formam no vidro três camadas ou planos.

Se cogitássemos estas três substâncias como sendo habitadas por seres vivos: plantas, bactérias ou outros, teríamos:

1º Os habitantes do plano do Mercúrio abaixo;
2º Os habitantes do plano da Água no meio;
3º Finalmente, os habitantes do plano do Óleo no alto.

Todos estes seres e todas essas substâncias estão no mesmo copo, e ainda que eles não se comuniquem uns com os outros, eles são separados pela *densidade* de cada um dos ambientes onde eles evoluem.

Ora, os ocultistas dividiram a Natureza em três fatias ou planos correspondentes à imagem que acabamos de analisar.

Abaixo, existe o *plano material* formado por tudo que é material e visível, tanto sobre a Terra como nos outros planetas; este é o plano dos corpos físicos e das forças físicas.

Acima ou ao redor deste plano, existe o plano das forças vitais ou das forças animadoras. A Vida que flui em nosso corpo é um exemplo dessa força. Ora, esta vida, de acordo com os ensinamentos da antiga ciência egípcia, esta força vital que circula em nós é a mesma força que circula nos *astros*. Assim deu-se o nome de *forças astrais* para forças as deste plano propriamente chamado de *plano astral*.

Todavia ainda mais acima, encontramos o plano das forças espirituais, da personalidade, da vontade que rejeita ou aceita as provas, e finalmente, de todas as manifestações do espírito imortal vinculado diretamente ao plano divino.

Usamos aqui os termos: abaixo, no meio, acima, simplesmente para a satisfação de nossos hábitos mentais.

Com efeito, os vários planos estão *dentro* um do outro, eles se interpenetram sem se mesclar, como um raio de sol atravessa uma janela sem se mesclar com ela, como o sangue circula no corpo, contendo-se todavia em suas veias.

Não há, portanto, de procurar um lugar especial, um lugar físico onde os mortos da terra estão situados. A Tradição bem ensina-nos que certos seres carregados de matéria, após sua morte, são encerrados nos cones de sombra que cada planeta movimenta no céu, mas isto é uma exceção. Em geral, nossos mortos estão no mesmo lugar que nós, mas *em outro plano* deste lugar, como óleo, água e mercúrio *estão no mesmo copo* e, no entanto, se misturam ainda menos do que os planos do visível e o invisível, que se penetram um nos outros completamente.

É, portanto, por uma confusão lamentável que alguns autores queiram "alojar" os mortos em um lugar qualquer do *plano físico*. Os situaram no centro da terra, depois em outros planetas, inclusive em vários sóis. É claro que tudo isso é possível, mas sempre no plano astral desses diversos locais, já que o plano físico é reservado para o corpo físico materializado e encarnado.

Mas pode-se fazer passar um ente, momentaneamente, do plano astral ou invisível ao plano físico ou visível? É a grande questão das *evocações* que iremos dizer algumas palavras na sequência, mas ainda temos de insistir um pouco sobre esta noção de planos, porque é importante formar um conceito tão nítido quanto possível.

O conceito de *planos* executa, efetivamente, um papel considerável no estudo dos problemas psíquicos, e muitíssimas confusões ou invenções sem fundamento proveem precisamente da obscuridade sobre essa noção dos planos.

Assim, todos os seres do *plano físico*, todo ser encarnado ou materializado não pode ser encerrado em um cubo, ou melhor, em um corpo de três dimensões; o que significa em linguagem simples que, quando se quer "encarcerar" um delinquente, ele deve ser colocado entre quatro paredes com uma porta sólida, teto contra fugas e um piso do mesmo gênero. Gaiola de moscas, ou células de prisão central, é um cubo ou uma forma tridimensional, que é necessária para conter um ser do plano físico: mosca ou criminoso.

Que nossos leitores ainda desacostumados ao nosso jargão nos perdoem agora se somos pouco claros; trataremos em seguida de explicar-nos, se for possível, um pouco mais claramente.

Se eu quiser encerrar um raio de sol, um raio de um astro, meu cubo será bastante inútil; Se for semelhante a uma gaiola comum, o sol irá passar através das grades, se se trata de uma cela de prisão, vai atravessar os vidros, mesmo grossos, sem que seja possível capturá-los.

Mas se eu me servir de uma placa fotográfica, um raio de sol irá decompor os sais de prata e se fixar na placa com as imagens que iluminava.

Uma superfície plana, um plano matemático basta aqui apenas para reter um raio astral.

No entanto, o Ocultismo ensina que os seres especiais circulam em todos os raios dos astros; estes seres não possuem corpos físicos, mas um corpo de raios luminosos chamado *corpo astral*. O plano em que essas criaturas vivem chama-se *plano astral*.

Para encerrar estes seres, apenas, uma superfície plana, formada pelo encontro de duas ou três linhas.

Finalmente, se tenho uma ideia que não quero comunicar a ninguém, guardo para mim, lapidada em um ponto do meu cérebro e ali se forma um pequeno ser espiritual de que me servirei mais tarde, a meu critério.

Este ser espiritual pode, através do uso do Verbo, marchar e estimular 100 pontos cerebrais semelhantes ao meu. Colocada e conduzida no carro verbal, a ideia se multiplicou e se vitalizou em si mesma. Ali não existe prisão possível, nem o cubo, nem o plano podem prendê-la. Sua essência é a liberdade.

Estes são os caracteres do *plano espiritual*, plano dos seres divinos de que nossa mente é uma faísca divina.

Para concluir: existe um *plano físico* com a totalidade dos seres físicos, providos de um corpo físico cujo cubo ou construção em três dimensões é a acomodação necessária: quarto, palácio ou prisão (sempre um espaço com três dimensões).

Há um *plano astral* com seres astrais, providos de um corpo astral e cuja superfície plana é a habitação necessária (caso bidimensional).

Existe um *plano espiritual* com espíritos munidos de um corpo espiritual e cujo ponto matemático é a habitação necessária (aqui o tempo e o espaço já não mais atuam).

Agora veremos como podemos estudar, em seus respectivos planos, as forças físicas, astrais e

espirituais. Iremos nos limitar a algumas ideias gerais, mas suficientes para o objetivo que desejamos.

As Forças nos três Planos

As forças físicas são fáceis de estudar, porque elas atuam em nosso plano, onde nos encontramos atualmente.

Poderíamos começar por nos ocupar das forças hidráulicas com seus grandes órgãos, desde a roda do moinho até a condução da moderna fábrica de “carvão branco”.

Poderíamos também estudar o vapor de agua, que circula em seu delicado encanamento.

Poder-se-ia ainda descrever a eletricidade circulando em seus fios metálicos. Todas essas são modalidades da força física.

De forma geral, esta força apresenta as seguintes características:

1° Necessidade de um condutor material;
2° Dinamismo em relação com a condensação ou materialização da força;
3° Alterações produzidas sobre a matéria inerte pela ação de forças físicas.

O estudo de uma força astral pode-se encaminhar segundo as modalidades da luz do sol agindo sobre a terra.

Esta força é inicialmente impulsionada por uma velocidade de movimento considerável (mais de 200.000 quilômetros por segundo). Cruza-se assim imensos espaços com a maior velocidade.

Esta força não se torna dinâmica, senão quando for condensada por meio de uma resistência. Espelhos permitirão recolher o calor eficaz. Poder-se-ia assim, por meio de condensadores especiais, transformá-la em eletricidade. Mas, normalmente, o sol atravessa o vidro sem quebrá-lo e, portanto, indica o caráter de uma força astral, que é atravessar as forças materiais (ou os condensados de energia material) sem perturbá-los.

Finalmente, como a força solar é a mesma que a força vital, que flui através de todos os seres vivos, esta força solar é um poderoso restaurador fisiológico.

Estas são as características gerais de uma força astral.

Nós não discutiremos aqui a verdadeira origem da luz solar. Se esta luz realmente vem do sol, como nos ensina a atual astronomia, se ao contrário, ela é produzida na atmosfera do nosso planeta por uma emanação da força solar neutra e que é transformada em luz, calor, eletricidade ao contato com cada planeta, pouco importa. O que nos interessa agora é seguir uma força astral em ação sobre a Terra. De resto, os sábios estão lá para resolver estas questões de origem ainda obscura e ainda muito técnica para serem abordadas em qualquer estudo elementar.

As forças dos *planos intelectuais e espirituais* ainda são pouco conhecidas dos contemporâneos. As escolas iniciáticas da antiguidade e de certas sociedades misteriosas da Índia, do Islã e do Ocidente tinham conceitos precisos.

As forças deste plano agem fora do tempo e do espaço. Elas são transmitidas instantaneamente de um planeta a outro, como também de dois pontos muito longe da Terra.

Para se manifestarem, estas forças precisam de um suporte material. Elas normalmente utilizam os órgãos nervosos e o cérebro dos seres vivos.

Portanto, é um erro acreditar que "correntes de vontade" podem agir diretamente sobre os eventos sociais.

As correntes de luz físicas bem que poderiam se esforçar para quebrar o vidro material. A luz passa através do vidro sem nada destruir, o Pensamento atravessa os clichês astrais sem influência direta.

Portanto, é muito importante evitar este erro na ação das forças espirituais, sem um aparato material.

Joana d'Arc nada poderia fazer sem um exército. Este exército realizou verdadeiros milagres a partir de sua constituição, mas foi necessário, porque sobre o plano material não se pode agir dinamicamente senão por meio de forças materiais.

Um ser humano que passou ao plano espiritual não tem mais nenhuma ação direta sobre a matéria. Ele passa através dos objetos como a luz passa através do vidro, e ele terá de usar ferramentas especiais, como a força vital de um médium humano, ou resistência específica, tais como vidro e madeira, para pôr-se em contato com este plano material de onde está afastado.

As Comunicações entre os vários Planos

Fazer passar um ser de um plano para outro é um ato no qual é preciso contrariar temporariamente as leis da Natureza. É por isso que este tipo de experiência é delicado, perigoso e cheio de armadilhas e fraudes.

Para nos dar uma ideia clara do problema a ser resolvido, recordaremos de que condições os seres físicos podem ser encontrados nestas seções do plano físico, diferentes para cada uma de suas condições de existência normal.

Assim, pensemos em um peixe, que não pode viver mais do que na água. Se desejamos colocá-lo no ar, que é o elemento apropriado onde nós, seres humanos, vivemos, seremos obrigados a encontrar um intermediário entre o ar e água, que, no caso do nosso peixe, será uma recipiente de vidro contendo água.

Mas, de nossa parte, se quisermos visitar o país dos peixes, precisaremos de um intermediário contendo o ar de nosso país, nosso plano e este intermediário será um traje de mergulhador, que será para nós como o frasco de vidro para o peixe.

Estas imagens se destinam a fazer-nos compreender que, para fazer atravessar um ser do plano astral, como um morto, ou melhor, como o Espírito de um ser morto à Terra, no plano físico, será necessário encontrar os intermediários adequados.

Estes intermediários são formados por forças vitais colocadas à disposição do espírito evocado, e por objetos materiais, sobre os quais o espírito pode condensar as forças postas à sua disposição.

Um pouco de história aqui nos parece indispensável.

Recordai a história de Ulisses, tal como nos narra Homero. Desejando pedir concelho a um velho amigo, Tirésias, profeta de seu tempo, Ulisses se informa e averigua que Tirésias está morto.

Qualquer outro teria desistido de sua tencionada conversação, mas o herói de Homero no se arreda

por tão pouca coisa.

Se está morto, *vamos fazê-lo regressar*.

Ulisses desce aos planos astrais, que os antigos chamavam lugares inferiores, *Infera*, ou seja, os infernos.

Ali ele prepara sua experiência (vide o texto da Odisseia): traça com sua espada um círculo, figura astral que lhe rodeará e impedirá que os seres do plano astral se lhe aproximem demasiado.

Então Ulisses coloca em ação a força carregada do ser intermediário entre os dois planos. Esta força, é o sangue do cordeiro abatido no círculo.

Eis aqui a força mediúnica ou o meio de todos os iniciados da antiguidade, o sangue ou a força visível dos animais.

Os fluidos que escapam do sangue atraem os *espíritos* em massa. Ulisses expulsa-os do círculo com a sua espada. Ele permite unicamente a Tirésias aspirar os fluidos vitais do sangue. Tirésias se materializa então, fala-lhe e em um instante passa desde o plano astral ou invisível, ao plano físico ou visível, dando assim a Ulisses os conselhos que este precisa.

A Experimentação.
União do Visível e do Invisível - Erros e Armadilhas

Quando há a noção de que é possível a comunicação entre um plano e outro, logo tomam corpo as maiores esperanças. Acredita-se que com um intermediário ou médium qualquer o véu irá, de imediato, ser erguido e que haverá palavras ou notícias do ente querido.

Certamente não, não é tão fácil quanto pode aparecer aos entusiastas da primeira vez que vão ao encontro de decepções certas e de cruéis desesperos.

Como se trata de uma experiência verdadeiramente científica, deve-se proceder com bastante cuidado. Pode-se de fato comunicar-se sem dificuldades:

1º. Com o cérebro do médium, quer este médium esteja adormecido ou não.

Utilizando um mau condutor de eletricidade ou o fluido vital, que segue aproximadamente as mesmas leis, por exemplo por meio de uma mesa de madeira, que substituiu a baqueta dos antigos, o médium une e condensa a vida do consulente com sua própria vida. Então os pensamentos do consulente são *refletidos* através do médium e a mesa diz o nome, idade, o nome do falecido... e no entanto o falecido não tem nada a ver com este evento.

2º. Que nos perdoem por tratar de coisas que possam parecer estranhas, mas a necessidade de evitar quaisquer decepções nos obriga. Trata-se aqui também dos “clichês astrais”.

Todas as nossas ações, boas ou más, flutuam em torno de nós e em torno de objetos que nos rodeiam, quando realizamos estes atos. Nós então aparecemos aos olhos dos videntes, como o ator de um cinematógrafo produzindo cenas em cores. Isto é o que se chama de “clichês astrais”.

O médium pode evocar uma dessas cenas e o consulente se imagina que está em relação com o falecido, o que não é correto.

3º. Portanto, procedendo por eliminação, como fizeram os sábios que tem se dedicado a estes

estudos, como se pode chegar ao estabelecimento de uma certa ligação entre os seres da Terra e os espíritos que viveram já uma vez aqui.

A comunicação por um médium é, por conseguinte, menos segura que a manifestação por sonhos, e sempre é a esta última que devemos dar a nossa preferência.

Aqui convidamos o investigador sério a ler a coleção dos *Anais das Ciências Psíquicas*, que dirige o Sr. de Vesme, e as obras sobre o *Espiritismo científico* e as *Aparições materializadas* de Gabriel Delanne. Após estas leituras, estaremos de posse de todas as dificuldades do problema e compreender-se-á melhor o porquê de nossas advertências.

A Fé Ativa e a Oração

A comunicação entre os vivos e os mortos é na verdade algo tão sagrado, que se deve ser cauteloso e nunca intentá-lo com leviandade. Certamente, ela existe, é evidente, mas ela jamais deve ser senão a recompensa outorgada à bondade, à boa vontade. Todo ser humano que compreendeu algumas partes de leis espirituais não tentará voluntariamente chamar um desaparecido, por medo de causar-lhe um prejuízo real. Igualmente, por receio de correr cegamente ao encontro de cruéis desilusões.

Então, o que fazer? Ou melhor, o que podemos fazer para resolver este problema aparentemente intratável?

Há duas maneiras: uma indireta, a outra direta. Na primeira, podemos, pela leitura e estudo das obras especiais, chegar a uma sorte de crença intelectual, de uma fé fundamentada. O enorme número de fatos bem estabelecidos, a autoridade que se atribui ao nome de determinados investigadores, podem determinar em nossas células cerebrais uma espécie de receptividade positiva de fatos que talvez teríamos que evidenciar por nós mesmos.

Mas a segunda forma, a via direta e pessoal, é muito preferível. Duas grandes palavras, duas grandes luzes iluminam este caminho: A fé ativa e a oração.

A Fé é a inteligência do coração. É a percepção, por outro órgão que o cérebro, de uma verdade que este último não pode alcançar por si mesmo, mas que ele pode refletir tão logo seja iluminado pelas luzes do coração. Uma característica do conhecimento pela fé, é a absoluta ausência de dúvida, a certeza sem sombras. Enquanto que todo conhecimento puramente mental somente pode chegar a esta plena certeza raramente.

Poder-se-ia comparar o cérebro a um rolo de fonógrafo sobre o qual seriam inscritas incontáveis noções diversas; na menor emoção, este rolo começa a se mover e apresenta qualquer um desses conceitos e isto, sem fim, enquanto dura. Se consequentemente, quisermos alcançar uma certeza em relação à sobrevivência e à possibilidade de comunicação entre os vivos e os mortos, por uma via estritamente mental, teremos de derrotar sempre uma série de novas objeções, apresentadas à nossa consciência, pela ação de nosso cérebro.

Pelo contrário, acalmamos nossa mente iluminando-a através da fé ativa; toda uma série de órgãos se desenvolvem em nós, capazes de conhecer a verdade sobre a *sobrevivência* tão claramente como nossos olhos tem consciência do sol em um lindo dia de verão. Saberemos então, sem discussão, que nossos "*eu*", à morte do corpo, não faz mais que mudar de veículo, de instrumento, e que é eterno. Neste momento, os fatos observados resultarão verdadeiramente úteis e fecundos.

Portanto, devemos evitar, ou ao menos não o faremos mais que com a maior prudência, a evocação de um ser desaparecido do mundo material.

Busquemos fundamentalmente a senda da bondade, a caridade; ela nos levará com toda segurança à comunicação consciente e sem perigo, nos sonhos em princípio, e na sequencia em outros estados, com aqueles a quem verdadeiramente amamos em Deus.

Pronunciei aqui a palavra oração, um termo tão mal compreendido, coisa tão pouco conhecida.

Sairia fora dos limites que eu tracei estendendo-me sobre este capítulo. Que me seja no entanto permitido dizer que a oração é a chave da vida universal. Por ela, o homem mergulha nas trevas mais espessas, pode ter a esperança de finalmente rever a luz que brilha eternamente no cume da Santa Colina.

Graças a ela seriam abertos para ele os livros fechados da vida, da morte e do renascimento.

Por ela as provações se tornariam suportáveis e rosas apareceriam sobre as sarças do caminho.

Por ela, finalmente, o homem pode levantar um dia o véu que separa a vida da morte e, desde que tenha a força suficiente, aparecerão os seres amados que creiam perdidos para sempre. Aprendamos, portanto, a permitir escapar de nosso coração esta força viva e peçamos uma fé ativa diante da qual toda obscuridade se dissipará.

IV - SEÇÃO DO TOURO

O que é morte para o filósofo?

A mudança que se acredita que é dada nas condições de existência do ser que morre, depende principalmente das ideias que circulam no cérebro das pessoas que ainda vivem na Terra. O ser que acaba de morrer segue ainda as leis imutáveis fixadas pela natureza e continua a sua evolução sem que suas crenças pessoais intervenham. Se, tal como nós mesmos acreditamos fortemente, algo de nós existe em outro plano, é algo que, mais cedo ou mais tarde, todos chegaremos a constatar. Então, para que discutirmos de antemão?

Dado que as relações físicas entre o morto e os vivos estão interrompidas, são os últimos os que pretendem resolver a questão, e é aqui onde intervém a maturidade cerebral de cada um.

Para uns, a morte é a interrupção de tudo o que a natureza tem feito até aquele momento. A inteligência, o sentimento, as afeições, tudo desaparece repentinamente e o corpo se converte novamente em herba, mineral ou humo, segundo cada caso.

Para outros, a morte é a libertação. A Alma, feita luz, se desprende do cadáver e se eleva sobe ao céu, rodeada de anjos e espíritos gloriosos.

Entre estas duas opiniões extremas existe toda uma gama de crenças intermediárias.

Os Panteístas baseiam a personalidade do morto nas grandes correntes da vida universal.

Os Místicos pregam que o espírito liberto dos grilhões da matéria continua vivendo, tentando salvar com seu sacrifício àqueles que ainda estão sofrendo na terra.

Iniciados de diversas escolas seguem a evolução do ser, através dos diferentes planos da Natureza até o momento em que este ser, por sua própria vontade, voltará a adquirir um novo corpo físico no planeta onde ainda tem uma “conta pendente”. A morte pela Pátria libera quase sempre o espírito de um retorno ou de uma nova reencarnação...

Quantas opiniões, quantas discussões, quantas polêmicas por um fato natural para o qual estamos certos de que veremos a solução!

Mas será pedida a nossa opinião e, se interessa ao leitor, diremos francamente: os Mortos da Terra são os Vivos de outro plano de evolução. A nosso entender, a natureza é avarenta e não deixa nenhum de seus esforços desperdiçados no nada. O cérebro de um artista ou de um sábio representa anos e anos de uma lenta evolução. Por que, deve perder-se isto repentinamente?

Deixamos para que cada um digira suas ideias em silêncio. *Astra inclinant, non necessitant*. Indicamos o que nos parece ser o caminho, não forçamos ninguém a trilha-lo.

Os Mortos são Viajantes momentaneamente Ausentes

Quando um de seus parentes próximos está viajando em um país distante, o acompanha com seu pensamento e seu coração fica calmo. Desejamos dar ao leitor a sensação de que nossos mortos não se foram para sempre, são viajantes de outro plano, mas estão visitando um país ao qual todos nós iremos, em princípio, se não cairmos no desespero e no suicídio.

"O céu está onde temos colocado o nosso coração", diz Swedenborg. Ora, nosso Senhor Jesus Cristo, cujo nome está escrito no céu desde a criação da Terra, é um salvador em todos os planos e não um carrasco. Ele, que conhece as angústias e todas as dores, se esforça em reunir em Seu amor aos que choram aqui e aos que desejam gritar "lá": mas não desespereis, estamos aqui e nosso amor vive em nós e através de vós...

Está claro que, da mesma forma que na Terra não há uniformidade de ocupações e de status social, não há regras fixas para a evolução no que chamamos de plano invisível.

Depois de um período mais ou menos longo de sono sem sofrimentos, devido a que já não existe nenhuma matéria terrestre, o Espírito desperta e começa uma nova existência.

Em princípio, se relaciona com aqueles que ficaram na terra e tenta se comunicar com eles através de sonhos ou de um intermediário qualquer, se o pode encontrar.

Não temos que forçar a comunicação entre os diferentes planos, que são sempre delicados e podem apresentar certos perigos. Quando, depois de um desejo sincero, ou uma fervorosa oração acompanhada de um ato de caridade física, moral ou intelectual, o Espírito pode manifestar-se, e sempre o faz de uma tal forma que o ser terrestre não possa ter medo.

Por outro lado, quando se quer forçar as comunicações, existe o perigo de ser enganado pelo cérebro do "médium" o qual, inconscientemente, repete as ideias desejadas pelo consultante, seja por meio de imagens do desaparecido, imagens animadas flutuando no astral, ou usando seres que utilizam o próprio médium para reviver um pouco da existência material.

Assim, temos que saber esperar por notícias do viajante. Temos que pedir com muita calma de como obter a certeza de sua real existência... e também pensar muito no viajante, imantá-lo com amor e não com desespero e lágrimas, e depois, pouco a pouco, o véu subirá, um doce murmúrio encherá o coração, a emoção da presença do além aparecerá, e lentamente se revelará um grande mistério. Neste momento, temos que saber silenciar, para não revelar o segredo aos profanos nem aos profanadores.

Esperar, orar, ter fé no Salvador e na Virgem da Luz, este é o caminho que conduz à *paz do coração*.

A morte pela Pátria libera o Espírito de todo Sofrimento

A maioria dos seres humanos tem uma existência dividida em duas seções. Primeiro cada homem cuida de sua vida pessoal e de sua família, quando ele a tem, segundo, este mesmo homem exerce uma profissão ou uma função útil à comunidade.

Em geral, é a função exterior usada pela coletividade a que procura os meios materiais necessários para a vida pessoal e para os dependentes. Esta lei dos dois planos de existência, pessoal e coletiva, é comum a toda a natureza.

Assim, um astro como a nossa Terra tem uma vida pessoal (se se considera como a vida de um astro os seus movimentos), caracterizada por sua rotação sobre si mesmo, e uma vida coletiva em que o astro é apenas um mecanismo do universo quando ele gira em torno de um Sol (movimento de translação).

Voltando ao ser humano, este poderá mudar de plano, ou seja, em linguagem vulgar, morrer, por três causas principais:

1° Para si mesmo, quando morre solteiro, sem parentes, devido a um acidente ou doença banal;
2° Para os seus, quando se vê forçado a se sacrificar para salvar a sua família;
3° Para a coletividade, quando se sacrifica voluntariamente para salvar ou defender a sua pátria.

Em cada um destes casos, a mudança de plano é feita de diferentes modalidades. O princípio que acaba com uma existência de puro egoísmo é lento, e a liberação que depende de forças pessoais é muito mais doloroso.

Em vez disso, todo sacrifício é compensado por uma ajuda imediata das forças inteligentes dos planos de liberação. Chamemos a estas forças: espíritos, anjos, alma da pátria, ideias-forças, pouco importa, já que os nomes nada mudam. É bom saber que é o que morre para os outros é libertado de todo sofrimento físico assim como de toda angústia moral desde o momento em que muda de plano.

Esta é uma aplicação das leis universais a que está submetido o ser humano ao igual que todos os seres vivos já que para a natureza, com sua impassibilidade, um homem geralmente não tem mais valor do que uma espiga de milho, embora o orgulho do homem é muitas vezes imensurável.

EPÍLOGO

Visão da Luz A Morte do Herói

Um choque brusco... um afluxo de sangue para o coração... o inesperado desfile dos grandes eventos da vida terrestre... um desvanecimento lento, ou melhor, um doce sono... o silêncio e a sombra... O rapaz valente vem a ser morto por uma bala, quando saíra para o ataque...

As vozes ao seu redor, uma paisagem de luz, seres de luz também cujos corpos se movem como se tivessem asas... sua avó que o ergueu e cujo rosto tornou-se tão jovem... e então vozes consoladoras e belas figuras como nas imagens: anjos ou santos talvez?

Em que estado se encontra agora, o combatente? Onde está? O que são estas estranhas paisagens onde tudo é luz?

Seu próprio corpo se fez brilhante, flutuante e movimenta-se sem tocar nenhum solo segundo o

desejo de sua vontade... Ele é guiado de resto por todos os seres que o cercam e cantam a sua vinda...

Minha mãe, eu quero ver a minha mãe!!

Imediatamente, guiado por um espírito luminoso, o combatente imerge-se na escuridão. Encontra-se bruscamente no caro alojamento de outrora, mas nada pode segurar... passa através dos muros, como também através de todos os objetos... e ninguém percebe a sua presença.

Ele vê sua querida mãe angustiada... ele se precipita junto a ela... e ímpeto de amor realiza o milagre... sua mãe o vê, mas ela desfalece gritando: “Meu filho, meu filho está morto... ele acaba de me aparecer…”.

Então o Espírito do filho permanece ao redor dos seres queridos deixados sobre a terra, quer dizer-lhes que a morte não é um sofrimento para ele, que o desespero daqueles que choram a sua partida é o único sentimento negativo que experimentara... mas suas palavras não são ouvidas.

Apenas a irradiação de seu amor envolve de luz a bela parte invisível desta mulher, que entregou seu filho para a pátria e que, lembrando o martírio de Maria, a mãe de N. S. Jesus Cristo, pede ao céu a força para suportar essa dor excruciante.

Na noite seguinte, o filho pode finalmente comunicar-se num sonho com a sua mãe querida e dizer-lhe: não chores mais, porque estou constantemente a teu redor: aqueles que acreditava mortos, são os guias dos que estão no além... coragem e esperança, quando tua missão estiver concluída na terra, irei buscar-te, como a avó veio por mim.

Seca tuas lágrimas e sê forte: também mereceste do Pai, ser abençoada.

O JOVEM SOLDADO

Em Chaumont-sur-Argonne, perto de Pierrefitte, em uma trincheira, um jovem alemão foi morto, mantendo perto de sua cabeça, e à altura de seus olhos, seu livro de orações...

Pobre vítima da loucura dos grandes, saúdo-te e junto minhas orações àquelas que iluminaram teu espírito no momento da partida. Sentindo a morte chegar, tu bravamente preparaste tua alma para a separação física e, obscuro herói, apelaste Àquele que a todos nos escuta... Bendito seja teu gesto. O que importa que seja um inimigo de minha pátria, e um enviado desses orgulhosos que sacrificaram a flor de seus homens para a vã satisfação de sua ambição.

Pequeno grão de areia neste imenso choque, partiste, obedeceste, e vieste para fazer-te definhar fisicamente em uma trincheira qualquer no meio dos campos de França e perto da floresta... Mas se teu corpo é retornado a esta terra que o alimentara e nutrira, teu Espírito, sobre o qual nenhuma força material lograra afetar, viu-se liberado e elevado, glorioso, nos planos do Empíreo...

No coração de Nosso Senhor, não há nem amigos, nem inimigos, quando a terrível Morte passara, não há mais do que Espíritos que se sacrificaram para o Ideal, e que foram bruscamente levados ao término de sua rota terrestre...

E o perfume da oração santificara teus últimos momentos... e tenho passado e sentido teu espírito calmo em sua evolução bem merecida, e queria, também, de juntar minhas orações às tuas...

Inimigos de ontem, saibamos comunicarmos hoje no sublime ideal que está acima das querelas humanas...

Tens uma família, pobre filho meu, uma mãe que chora, irmãs que te recordarão, e irmãos que possivelmente te imitarão.

E todos, em sua dor, querem também prostrarem-se e orar... Vítima inocente das mais cegas ambições e dos mais profundos egoísmos, enviados da barbárie cega contra a evolução consciente e luminosa dos Povos livres, cumpriste com teu dever, mas a mão implacável do Destino te marcara com seu dedo e tua evolução se cumpriu.

Amanhã voltarás à terra, mas terás bebido as águas do Lete... vítima desconhecida... eu te saúdo e oro contigo...

Nicey, 19 de setembro de 1914

FIM